



ORGANIZAÇÃO POPULAR COMO ESTRATÉGIA PARA MITIGAR OS IMPACTOS DA SECA EM CAETÉS-PE

Emili Ferreira de Oliveira Vasconcelos¹

emili.vasconcelos@upe.br

Juliana Catarine Barbosa da Silva¹

juliana.catarine@upe.br

¹Universidade de Pernambuco - UPE

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa deriva do projeto guarda-chuva intitulado “Cartografias do cuidado: Prevenção e combate aos riscos de desastres no agreste pernambucano”, e tem como objetivo cartografar as estratégias, tanto das instâncias políticas quanto dos movimentos sociais, para a convivência com a seca no município de Caetés-PE, em específico na sua zona rural. Para tal, compreende-se aqui, a seca enquanto um desastre natural extensivo (Freitas et. al., 2012) e que também é produzido sociopoliticamente como uma dentre as estratégias de manutenção do poder de grupos privilegiados (Menezes e Oliveira, 2017).

A cidade de Caetés-PE, principalmente sua zona rural, é marcada historicamente pela seca, bem como pela criação das associações rurais comunitárias. O estudo objetivou identificar e compreender estratégias de convivência com a seca desenvolvidas a partir das associações rurais comunitárias do município de Caetés-PE.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia qualitativa em Psicologia Social. Foram utilizadas como técnicas metodológicas entrevistas semiestruturadas, que foram analisadas à luz da teoria das práticas discursivas e produção de sentidos proposta por Spink e Frezza (2013). Através dessa técnica metodológica buscou-se mapear quais das associações rurais do município desenvolvem, ou desenvolveram, estratégias de convivência com a seca, e quais foram elas. Foram entrevistados cinco pessoas pertencentes a cinco agrupamentos de comunidades de associações localizadas na zona rural do município. Todos leram e responderam ao formulário do TCLE aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Realizada essa etapa, as entrevistas foram transcritas e organizadas em mapas de associações de ideias, que consistem em uma sistematização do processo de análise das práticas discursivas (Spink e Frezza, 2013). Os mapas foram elaborados a partir da definição de categorias temáticas que tivessem como direcionamento o cumprimento dos objetivos da pesquisa, sendo estas categorias: (1) estratégias que já foram desenvolvidas pelas associações; (2) como as estratégias são desenvolvidas atualmente; (3) se/como as associações potencializam a participação popular no enfrentamento dos problemas socioambientais; e (4) se/como as associações potencializam a participação popular na garantia dos direitos civis. Em seguida, as falas transcritas das entrevistas foram organizadas de maneira a ocupar essas categorias e facilitar o processo de análise dos discursos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das vivências compartilhadas pelos participantes durante as entrevistas, foi possível construir compreensões sobre como a população campesina lidou com os períodos de seca intensa. Em um dos relatos, foi explicitada a dimensão das perdas ocasionadas pelo desastre, bem como os riscos de desidratação e doenças por água contaminada, principalmente por chegarem a compartilhar da mesma água com outros animais. O relato em questão traz a proporção do desastre, e de que forma ele pode



afetar diversas áreas, como: econômica, social, ambiental e da saúde, dando destaque ainda, ao sofrimento psíquico que todos esses riscos podem provocar em quem os vivencia.

Diante deste cenário foi possível questionar: a seca configura-se enquanto um desastre natural, mas o que dizer sobre o descaso sofrido por essa população em relação à garantia de seus direitos civis? A formação de organizações populares neste município nos leva a pensar que a partir de ações humanas, essas comunidades desenvolveram suas próprias estratégias de sobrevivência e convivência com a seca, mesmo com as condições sociais e materiais desfavoráveis. Desta forma, os dados e reflexões levantadas aqui corroboram com Menezes e Oliveira (2012) quando trazem que a seca também é produzida sociopoliticamente como uma dentre as estratégias de manutenção do poder de grupos privilegiados.

Visando a superação dos danos causados pela seca, e considerando a falta de medidas públicas no gerenciamento desses riscos, é que surgiram as organizações populares. As entrevistas mostraram as ações realizadas pela própria comunidade, por meio das associações rurais comunitárias e do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR), sendo elas: organização de mutirões para construção e limpeza de reservatórios de água, como barreiros e barragens; compra de materiais e mão de obra para construção de estabelecimentos de saúde; articulação com gestão pública municipal para aquisição de benefícios; entre outros.

As ações desenvolvidas pela movimentação popular trouxeram mudanças positivas para as comunidades rurais, visto que, segundo os entrevistados, a seca não os afeta tanto quanto anteriormente. Desta forma, concordamos com Silva e Pereira (2020), quando trazem que a mobilização social pode causar uma mudança de perspectiva em relação aos processos de colonialidades do campo, de forma que “não considera o camponês e a camponesa como coitados, mas sujeitos capazes de contar sua história e fazer seu destino, desde outra visão de mundo”. Portanto, as ações desenvolvidas pelas organizações populares nesse contexto nos levam a compreender a própria organização popular como uma estratégia de convivência com a seca, bem como de sobrevivência às desigualdades ambientais.

Apesar disso, também foi percebido uma diminuição desses movimentos sociais. Ao questionar os entrevistados sobre o que eles consideram sendo o motivo dessa pouca participação nos últimos tempos, apesar da notória mudança provocada anteriormente, os mesmos trazem ideias como falta de interesse ou descrença nos movimentos populares. O mesmo é trazido por Menezes e Oliveira (2017) quando apontam para a indústria da seca como fator que potencializa amarras políticas e engessa modos de vida, principalmente em cidades pequenas e comunidades rurais. Com isso, as ações desenvolvidas pelas comunidades e seu potencial transformador se mostraram mais adormecidas com o passar dos anos, em conformidade com as conquistas adquiridas.

Ainda em relação a esse adormecimento, os próprios participantes da pesquisa trazem possíveis estratégias quanto a isso, como: valorização da própria cultura, a partir do resgate das sementes crioulas, festas e celebrações culturais e grupos de jovens para formação de lideranças. Desta forma, se entendemos a indústria da seca como uma das estratégias de colonização do campo, pensar a valorização cultural e todas as estratégias que foram criadas e desenvolvidas por quem habitou e habita esse território, se apresenta como um contraponto aos efeitos que o desastre da seca provoca, seja pela sua origem natural ou sociopoliticamente provocada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas essas contribuições percebemos o potencial das organizações sociais, não somente pelas ações desenvolvidas, mas sendo a própria mobilização social uma estratégia de resistência política. Conforme trazem Silva e Pereira (2020), por meio delas encontramos ainda, o potencial de reescrever a história que foi contada pela colonialidade do discurso a respeito do semiárido nordestino, pois, assim como nos conta Chimamanda (p. 26, 2019) “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.”.



A partir desta pesquisa, se abrem possibilidades de pesquis(ação) no território rural de caetés, principalmente no que diz respeito às organizações populares, valorização cultural campesina e luta por justiça ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Ambiental; Psicologia Social; Organização popular; Convivência com a seca.

AGRADECIMENTOS

Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco - FACEPE.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Companhia das Letras. 1ª edição, 2019.
- FREITAS, C. M., CARVALHO, M. L., XIMENES, E. F., ARRAES, E. F., GOMES, J. O. Vulnerabilidade socioambiental, redução de riscos de desastres e construção da resiliência – lições do terremoto no Haiti e das chuvas fortes na Região Serrana, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n.6, p.1577-1586, jun. 2012
- MENEZES, Alexandre Junior De Souza et al.. A água e a indústria da seca: análise político-social no nordeste. *Anais II CONIDIS*. Campina Grande: Realize Editora, 2017.
- SILVA, V. R. da; PEREIRA, M. C. de B. Das colonialidades à emergência de um novo paradigma no Semiárido brasileiro desde as racionalidades camponesas: um caminhar para além do desenvolvimento?. *Desenvolv. Meio Ambiente*, v. 55, Edição especial - Sociedade e ambiente no Semiárido: controvérsias e abordagens, p. 358-380, dez. 2020.
- SPINK, Mary Jane P. FREZZA, Rose Mary. Práticas Discursivas e Produção de Sentidos: a perspectiva da psicologia social. *In: SPINK, Mary Jane. Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro. 2013.